

## CAPÍTULO XXXIII

### AS ATRAÇÕES DO ROMANISMO E DO PROTESTANTISMO

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. – João 8:32.

“Lembra-te da tua igreja, ó Senhor, para a livrares de todo o male para a aperfeiçoares em amor.” – O Ensino dos Doze.

A cisão da Cristandade Ocidental perdura por quatrocentos e tantos anos e, a seguir-se o que diz a encíclica de Pio XI, publicada no ano de 1928, pouco menos pronunciada ela é hoje do que o era nos meados do século XVI. De um lado, Pio XI confirma as doutrinas específicas que a Reforma protestante repudiou, e, de outro, acrescenta as imposições do Vaticano, relativas à impecabilidade e exaltação celestial de Maria e à infalibilidade papal. A comunhão romana ainda pretende ser a única depositária da verdade cristã e a única competente para decidir qual seja a verdade cristã. O Protestantismo ainda continua a insistir na autoridade final das Escrituras e na igual e imediata operação do Espírito Santo a favor de todo aquele que busca a Deus, pedindo auxílio salvador.

A proporção de membros das duas comunidades permanece mais ou menos a mesma. Desde o Tratado de Westphalia, 1648, cada grupo tem conservado o território que então ocupava. Graças ao movimento dos Gregos Unidos, Roma obteve aderentes na Europa, mas tem perdido membros na França – “a filha primogênita da igreja”. Dentro das fileiras da Igreja Anglicana, Roma tem comunicado a muitos o espírito de seu ritual e obediência, e daquela comunidade tem arrebanhado muitos conversos. Por via da emigração, o número de seus aderentes tem-se aumentado na Holanda e na Escócia, mas na Boêmia revivifica-se o espírito de Huss e em todas as partes do mundo a igreja romana tem sido obrigada a se ajustar a Constituições que consagram o princípio da liberdade religiosa. No Ocidente ela ainda controla as populações da América do Sul, mas na parte Norte do hemisfério Americano, com algumas exceções, pertence a primazia ao protestantismo, em influência e número.

Essa estabilidade religiosa dos povos se deve, em parte, a temperamento, mas em maior parte se deve a herança. Quais são, pergunta-se, as atrações que prendem as pessoas de inteligência e piedade, ora ao Cristianismo romano, ora ao Cristianismo protestante? A resposta tem preocupado o espírito de pessoas devotas e de mentalidade

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

de primeira ordem, por três séculos. Derivam-se as atrações dos elementos de verdade cristã, ritual, forma de governo ou resultados práticos? A pergunta não é de ordem eminentemente monástica ou ocasional. Fazem-na os que se acham verdadeiramente ansiosos por ver o cisma religioso do Ocidente apaziguado, pela constituição de um corpo cristão unido ou, pelo menos, por ver o dia em que cada comunhão reconheça a outra como parte do reino de Cristo.

I. As atrações do sistema romano são antiguidade, autoridade visível, unidade e simbolismo cristão. Por um ou mais desses motivos, certos homens são conscientes católicos romanos ou se inclinam para a igreja romana.

1. Antiguidade.- A igreja romana reclama venerável idade. Seus anos remontam aos tempos Apostólicos, era em que justamente começava a sucessão dos imperadores romanos. O próprio nome derivado de “Roma” exerce fascinação. Sugere poder e antiga linhagem. Como persiste entre o povo hebreu o tipo de Abraão, assim liquidamente se acredita que na comunhão romana sobrevive a vida apostólica, como se manifestava no primeiro século. E isso é tão fora de dúvida, que a igreja romana possui as Escrituras, presta culto a Cristo e honra a memória dos apóstolos. Através de sua História ininterrupta de mais de dezoito séculos, ela tem presenciado o despontar e o ocaso das nações; dinastias e revoluções surgirem e passarem; a chegada da mensagem cristã às extremidades da Europa e às partes mais remotas da terra. . Sobrevivência tão persistente pode facilmente influenciar o espírito, de modo que ele alimente a fantasia de que a ancianidade constitui, por si mesma, título demérito. Se a sobrevivência através de séculos é de levar em conta; se a idade for critério de excelência, então a Igreja Grega igualmente possui tal requisito. E, se fosse a idade critério idôneo de excelência, as mudanças seriam raras e a própria República Americana estaria desacreditada. A acusação de inovação parece justificar-se, quando o Cristianismo romano se coloca face a face com os ensinamentos Apostólicos. Quando os Reformadores protestantes foram perseguidos pela acusação de introduzirem inovações, eles responderam que estavam revivendo os Apóstolos e reafirmando as ideias Apostólicas, que haviam sido substituídas por doutrinas humanas. O cardeal Newman, explicando sua crença na transubstanciação, dizia: “Não tive dificuldade em crer naquilo, uma vez que a igreja católica é o oráculo de Deus”. Isso significava que a igreja católica romana é a igreja de Deus. Se assim é, respondem os protestantes, então os Apóstolos estavam enganados.

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

2. Autoridade visível.- A igreja de Roma fala em tom de autoridade final. Em religião, assim como em outras matérias, a mente se inclina a descansar sobre aquilo que possa ser verificado pelo tato e pelos olhos. Ainda que suas realidades sejam espirituais – o testemunho do Espírito Santo na alma, a luz interior – não se encara como concludente. De três maneiras defende a igreja romana a pretensão de ser a testemunha infalível da verdade: por sua própria existência, desde o primeiro século, quando o Cristianismo fora primeiro pregado; pelos sacramentos, através dos quais o sacerdócio transmite a graça celestial; e mais patentemente através do pontífice romano, pretense vice-regente de Deus. Pensando no “Santo Padre”, o católico romano concebe uma pessoa dotada, de maneira singular, de sabedoria celestial e como intérprete da verdade divina, mas ele deve esquecer-se de que do Santo Padre têm partido pronunciamentos que pecam contra os princípios da justiça e do bem-estar do homem; dele têm partido ordens que resultam na escravização de povos, eclosão de guerras e movimentação da inquisição, e dele provém encíclicas que atestam a realidade de fábulas. Objeta-se que Cristo não teria deixado sua igreja sem um mestre humano infalível, ou, como se expressou Leão XIII – *Obras* VI:156-189 – “Cristo quis que houvesse alguém que lhe ocupasse o lugar, quando subiu ao céu”. Se *esse* for o caso, por quê – pode-se razoavelmente se perguntar – seriam as Escrituras franqueadas ao homem transitório? Em sua encíclica de janeiro de 1928, Pio XI se colocou na mesma linha de seus predecessores, ao caracterizar a igreja romana como – “a verdadeira e única igreja de Cristo” e, emparceirando os adeptos de Photius de Constantinopla e os primitivos protestantes, convidou seus descendentes “a obedecerem ao bispo de Roma como sumo pastor das almas e submeterem-se à magistratura da sé apostólica, raiz e matriz da igreja católica”.

Temos, de um lado, o cardeal Newman e outros, que, penetrando na comunhão romana, acharam descanso para sua alma e intelecto. Newman falou de sua transição como “a chegada ao porto, após tempestuoso mar”, transição que se deu logo depois de ter escrito as seguintes palavras, a 8 de outubro de 1845: “A pura questão é: - Posso ser salvo na igreja inglesa? Estarei em segurança, se tiver de morrer esta noite?” Por outro lado, outros, igualmente conscienciosos, segundo julgamos, e igualmente bem informados, como sabemos, abandonaram a comunhão romana em razão da falácia da teoria papal. “Mais cedo ou mais tarde” – disse Tyrrell, homem de espírito arguto e piedoso – “a fábula histórica do papado deve ser compreendida por todo romanista

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

civilizado” – *Vida*, II:383. O romanista civilizado deve encontrar-se face a face com papas a quem Mohler tratou de “monstros” e com Alexandre VI, a quem, segundo o testemunho do historiador católico romano, Pastor, o demônio do sensualismo seguiu até o fim da vida. Deve fechar os olhos à iniquidade da administração da igreja, conduzida não somente sem censura da parte do papa, mas conduzida de acordo com sua direta aprovação e mando. À vista dos fatos históricos referentes ao governo papal, é possível sustentar-se a teoria de que o pontífice romano não tenha cuidado do progresso espiritual do mundo e dado exemplo, pela sua própria conduta, de devotamento aos objetivos espirituais do reino de Deus? Houve homens bons que se assentaram na cadeira papal. Outros se têm rivalizado com os príncipes seculares de sua época, em programas de ambição pessoal e vida desgraçada. A infalibilidade é uma impostura espiritual.

3. Unidade.- A igreja romana oferece aos olhos imponente espetáculo de coesão exterior. Contrastando com o painel dessa pretensa unidade, o bispo Gilmour – p. 320 – traçou o quadro das supostas divisões rancorosas entre os protestantes, dizendo: “As seitas protestantes perderam sua força e se acham divididas e queixando-se entre si, sendo seu único elo de união a comum hostilidade ao catolicismo”. A unidade dos católicos romanos consiste no uso do mesmo ritual, dos mesmos sete sacramentos e da submissão à autoridade do Vaticano. A despeito, porém, desses elementos de discordância, tem havido dissensões e lutas na comunidade católica, desde a Idade Média até os dias presentes, em que os Modernistas, que defendem o valor da moderna erudição bíblica, se revoltam contra o governo romano, considerando-o insuportável absolutismo. O Protestantismo, o Galicanismo, o Jansenismo, o movimento dos Velhos Católicos em 1870, tudo mostra que a unidade da comunhão romana não é, afinal, uma conformidade uniforme e pacífica de seus membros em todas as coisas.

4. O simbolismo do culto.- O elemento figurado é, no ritual atribuído a símbolos tais como a cruz, água benta, emblemas usados no batismo, confirmação e ritos de ordenação, mas também porque parece que eles despertam e estimulam o espírito devocional. Contemplados sem desconfiança, o serviço romano e as ministrações do sacerdócio que conferem graça, temem vista levar à alma realidades espirituais, para acalmar e confortar, para remover dúvidas e dar repouso à consciência. As pessoas podem morrer com menor pavor, quando a cruz se aproxima de seus lábios e pode dormir com menor ansiedade, quando o leito foi aspergido com água benta. Só

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

uma observação demorada pode determinar se o uso de símbolos e fórmulas, tornando-se absorvente, é nocivo ao que se conhece como religião da alma, que é a imediata comunhão com o Deus invisível e a confiança posta no auxílio do Espírito Santo. É a velha questão da letra e do espírito, da observância exterior e da piedade interna e da exata compreensão de nosso Senhor, quando disse: “Os que o adoram, devem adorá-lo em espírito e em verdade”.

II. As atrações do Protestantismo são o amor à verdade, os direitos soberanos do indivíduo, a liberdade de consciência, o progresso dos países protestantes, a posição sacerdotal dos leigos e a simplicidade do culto.

1. A verdade.- Se o sistema romano realça a lealdade à igreja, o sistema protestante realça a lealdade à verdade. A igreja pode libertar, mas a verdade liberta com certeza. O católico romano não pergunta o que é a verdade, mas o que diz a igreja ser a verdade – *Koch*, p. 17. Cristo falou acerca de si mesmo e acerca do reino do céu, que é, em primeiro lugar, o poder da piedade na alma e, secundariamente, uma associação de crentes. Se alguém chegou a conhecer o que é a religião e o que ela exige, Cristo, os Apóstolos e os Evangelistas o conheceram – e esse conhecimento se acha enfeixado nas Escrituras, que saíram das mãos dos homens apostólicos. Se nos perguntarem: “Onde estava vossa igreja antes de Lutero?” – responderemos com Jeremias Taylor: “Estava onde tem estado depois, ou seja, nas Escrituras do Velho e do Novo Testamento – e não conheço fundamento para qualquer outra religião”. – *Obras* VI:652.

2. A soberania do indivíduo.- Em assuntos pertinentes a Deus, todo homem é livre. Cristo falou a indivíduos e sobre os indivíduos lançou a responsabilidade de decidirem qual deva ser seu destino. O Espírito Santo foi prometido a quem quer que o invoque, rogando sua direção. Outros podem ser úteis por seus conselhos, mas entre o homem e seu Senhor nenhum mediador humano foi designado. A porta que leva a Deus está aberta a todos os que se decidam a entrar por ela, através de oração e consagração.

3. A liberdade de consciência.- A liberdade de consciência constitui a essência do Protestantismo. A consciência é a luz do Senhor. Wyclif e outros, que afirmaram os direitos da consciência, sofreram difamação, ou a morte, ou ambas. É sinal animador o fato de que o velho pensador inglês e João Huss tenham tido, nos últimos tempos, dignos sucessores na pessoa de Dollinger, Loisy, Schnitzer e homens

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

semelhantes, que colocaram a convicção acima da educação religiosa que receberam e da posição eclesiástica. Abandonando a Companhia de Jesus, Tyrrell escreveu: “Descarreguei a consciência. Deus me trouxe para a luz da liberdade”. – *Vida* II:499. Em contraste com a obrigação para com a consciência em matéria religiosa, pode-se colocar um exemplo de coação do pensamento, sugerido por Francisco Xavier que o único meio de converter as Índias Orientais era forçar os governadores, sob pena de confiscação de seus bens e longa detenção, a fazerem conversos, assegurando-lhe que os nativos de Ceilão e de outras partes seriam cristãos em um ano, se tal política fosse seguida. – *Barrett*, p. 228. O individualismo pode dar lugar a abusos, tornando-se em ameaça perigosa à própria autoridade, como o absolutismo é abuso de autoridade. Somente quando a alma é guiada por uma consciência esclarecida e age em obediência a esta, é que os indivíduos e a autoridade procedem retamente.

4. O progresso civil e social.- O espírito protestante é favorável ao impulso ao desenvolvimento da mente e à melhoria das condições sociais. Ele se opõe às restrições postas à livre discussão pela autoridade eclesiástica, e postas às novas ideias pelo hábito conservador. As comunidades protestantes não têm seguido sempre, de modo absoluto, aquela regra. Entretanto, é o princípio do protestantismo que tem favorecido o progresso dos domínios da educação popular, pesquisas científicas, inventos que visam o bem-estar doméstico, locomoção, higiene e liberdades civis. A comparação feita por Lord Macaulay, entre países protestantes e católicos romanos, aplica-se ainda hoje, como pode comprová-lo quem se dispuser a estudar, com o mapa aberto diante de si. À luz da geografia e das condições americanas, a observação do prof. Guilday é difícil de entender: “A Reforma Protestante nada tinha que ver com os métodos e princípios que enobrecem nossa civilização moderna”. Até onde se sabe, foi Lutero quem primeiro falou ousadamente, no mundo moderno, contra o hábito da mendicância. O povo alemão lhe deu ouvidos, de modo que é assunto de observação comum que o viajante, atravessando a Alemanha de ponta a ponta, vê muitas coisas, exceto mendigo nas ruas e às portas de igreja. Sob Calvino, Genebra foi submetida a leis sanitárias que ela dantes jamais conhecera. Em 1890 disse o cardeal Manning que “Todas as grandes obras de caridade da Inglaterra, nasceram na igreja, por exemplo: a abolição da escravidão e do comércio de escravos e o protesto permanente da sociedade antiescravocrata. Nenhum nome católico, até onde sei, participou disso”. Não obstante o

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

testemunho do cardeal, um escritor americano expressa o juízo de que “a obra dos chefes da Reforma foi de lastimável treva, desespero e desintegração”

A acusação de que o protestantismo justifica a revolta é verdadeira. Desde o tempo de Leão X tem sido ele chamado disseminador das sementes de rebelião. Adriano VI teve razão, ao declarar que o “Luteranismo é uma rebelião”; mas, segundo pensamos, errou, quando afirmou que ele estava “enviando o povo ao inferno”. Adriano morreu, deixando Roma a tomar como gracejo seu lamento, de que “a igreja estava sofrendo em consequência das abominações e abusos das coisas espirituais, pelo que todo o mundo estava reclamando cura”. No século XVI, a rebelião era o único meio de se conseguirem reformas eclesiásticas. A rebelião não visava derramamento de sangue e, conquanto o derramamento de sangue se envolvesse no movimento protestante, isso não constituiu parte do programa dos Reformadores. O direito de revolta tem aprovação da mais alta autoridade. O Cristianismo foi uma revolução. O arrependimento cristão é uma revolta. A rebelião tem causado males, mas tem trazido alívio da opressão e posto fim ao marasmo. As liberdades americanas são produto de uma série de revoluções.

5. O laicismo.- É difícil determinar o que Pio IX quis exatamente dizer quando, ao findar o ano de 1925, afirmou que “o laicismo, rebaixando o Cristianismo até o nível de todas as outras religiões, tem provocado a discórdia entre as nações, tem produzido o desprezo às obrigações domésticas, a discórdia na família, ameaçando a própria sociedade de ruína”. O protestantismo dignifica o leigo e coloca no sacerdócio a todo crente. O mérito do Cristão decorre do devotamento ao dever, público e privado, na família e na rua. A fidelidade, e não a vocação, determina qual a honra que uma pessoa deve receber. Longa lista de leigos, homens e mulheres, em terras protestantes, tem-se feito credora, nos tempos recentes, do reconhecimento da sociedade, pelas tarefas sociais e morais que essas pessoas desempenharam, tarefas com que jamais sonharam os Cruzados medievais.

6. A simplicidade do culto.- Tem o protestantismo historicamente favorecido a simplicidade do ritual e da arte eclesiástica. Se tem parecido que ele favoreça o que se chama rigor e aridez em seus serviços públicos e na arquitetura das igrejas, isso se tem feito no interesse da sinceridade e do culto de espírito. Tem apresentado o gabinete de estudo como altar de oração e ensina a piedade doméstica. Guarda-se a si mesmo isento da materialização da religião. Tem feito advertência contra

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

o perigo da contemplação de realidades espirituais através de emblemas. Tem cuidado de descobrir a vontade de Deus nas páginas do Livro aberto.

O protestante inteligente, embora possa estar rigorosamente apegado aos princípios do protestantismo, não está tão satisfeito com ele como se fosse a forma ideal de religião cristã ou a única forma de religião cristã. Circunstâncias recentes indicam que muitos católicos romanos, que estavam intensamente apegados aos princípios vitais do primitivo cristianismo, não encaram o sistema católico romano como final ou como a única expressão da religião de Cristo. A verdade é multicolor e o Espírito Santo prefere não ser uniforme em suas operações. Os próprios Apóstolos tinham diferenças e se bateram talvez por diferentes métodos da obra cristã e tipos da experiência cristã. Elementos há no sistema romano que podem ser adotados, com grande vantagem, pelo protestantismo, e princípios protestantes há que podiam ser adotados para maior progresso do sistema romano.

O *test* final da comunhão cristã deve ser o que Cristo aplicou a indivíduos, quando disse: “Pelos seus frutos os conhecereis”. Religião pura e imaculada se tem exibido em ambos os sistemas. Após haver considerado a longa história do cristianismo romano e seus serviços durante a Idade Média, seu rol de homens e mulheres piedosos, sua imponente fileira de escolásticos e pensadores modernos, o dr. Filipe Schaff, no último escrito produzido por sua pena, considerou a igreja romana como “uma igreja gloriosa”. Lançando os olhos sobre o cristianismo oriental e para os Concílios que se reuniram no Oriente, para os Credos que foram compostos em grego e os hinos e cânticos que se expressaram naquela língua, ele igualmente chamou a igreja oriental “uma igreja gloriosa”. Depois, voltando-se para as comunidades protestantes e para seu testemunho acerca do supremo valor das Escrituras, sua insistência na liberdade e sua atividade na promoção de reformas sociais e dos direitos populares, ele as proclamou, uma a uma, “igrejas gloriosas”. Nem se esqueceu da obra do Exército de Salvação e de seus abnegados fundadores; e, recordando as palavras: “Ele exaltou os humildes”, deu-lhes seu alto louvor pelo bem que haviam feito, ministrando aos abandonados e desempregados.

Uma apreciação, tal como a que se referiu, ao mesmo tempo que denuncia o espírito histórico que honra os fatos, revela o espírito cristão, que procura o bem onde

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

quer que ele se manifeste, e que levou S. Paulo a escrever à conturbada igreja de Corinto suas palavras sobre a “caridade”.

A união orgânica do Cristianismo pode ser coisa de futuro mui distante. O reconhecimento mútuo dos cristãos, um ao outro, é uma possibilidade atual e uma obrigação. Os primitivos Reformadores protestantes foram unânimes no reconhecer a comunhão romana, a despeito de seus erros, como parte da Igreja Cristã. O erro das autoridades romanas foi o tratarem o Protestantismo como um crime. Elas não tinham noção dos direitos da consciência. A dissensão religiosa era heresia e a heresia merecia a morte. É prestígio felicíssimo o fato de que, nos últimos anos, uma atitude diferente tem sido abertamente expressa por escritores eclesiásticos romanos de elevada posição. O nome de heréticos já não é tão frequentemente empregado como o era outrora. Em lugar disso, tem-se feito referência aos protestantes como “nossos irmãos separados”, segundo se expressou o cardeal Gibbons. Alguns sacerdotes católicos romanos, escrevendo a clérigos protestantes, costumam terminar suas missivas com as palavras – “vosso irmão em Cristo”. Bispos há, como os conhece o autor, que acolheram as palavras deste: “Sabeis que eu sou um herético” – com a réplica: “Não, herético não, mas um irmão”.<sup>1</sup>

A causa da fraternidade cristã entre católicos romanos e protestantes pode ser promovida pelos seguintes meios: 1. Pelo reconhecimento de que, diferentes disposições podem exigir diferentes métodos religiosos. 2. Pelo estudo da história eclesiástica, repelindo toda interpretação falsa, seja no interesse do Romanismo ou no do Protestantismo, e pela comparação do que há de melhor na comunhão protestante com o melhor na comunhão romana. 3. Pelo intercâmbio social entre católicos romanos e protestantes, cooperação em todas as empresas que tenham por objeto o segundo mandamento de Cristo: “Amarás a teu próximo como a ti mesmo” e o cultivo do espírito condensado nas palavras de S. Paulo: “Na honra, preferi aos outros”. 4. Pelo uso de velhas fórmulas o credo dos Apóstolos, o Te Deum e a litania sobre que não haja controvérsia. 5. Pelo reconhecimento do valor e serviço cristãos, onde quer que eles se revelem. 6. Por realçar a imediata direção que Deus dispensa ao povo cristão. O centro da devoção cristã é Cristo e a esperança de todos os cristãos é a cruz. Os cristãos, romanos e protestantes, se estreitarão mais, na proporção em que sintam o espírito expresso pelo poeta Quaker, Whittier:

## DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

---

“Ó Senhor e Mestre de todos nós,  
Seja qual for o nosso nome ou sinal,  
Temos teu poder, ouvimos tua voz,  
Medimos nossas vidas pela tua”.

### **Bibliografia e Notas**

O que foi escrito por Schaff apareceu em sua *Reunion of Christendom*, panfleto contendo uma saudação que o autor fez na Exposição colombiana, em Chicago, 1893. Uma declaração recente, negando toda possibilidade de *reunião* eclesiástica, se encontra em *Modernism and Christian Church*, do padre Woodlock. Encontram-se pronunciamentos de origem protestante em Harnack, *Protestantism and Catholicism in Germany*, 1907, e em Smith e Walker – *Approaches to Church Unity*, 1919.

A incorporação de toda a Cristandade, sob uma forma de governo humano, uma forma de ritual e uma série particularizada de artigos de fé, seria provavelmente uma calmaria, sufocando a liberdade cristã do pensamento e a liberdade na interpretação das Escrituras. A liberdade é essencial ao progresso. A uniformidade é própria para acabar em estagnação. É possível que alguma imprevista calamidade física, ou alguma desesperada ameaça social e espiritual, pudesse ser utilizada pelo Divino Chefe da Igreja, para unir todos os cristãos em amigável reconhecimento e cooperação. Em outros campos que não o da religião, perigos iminentes têm dado ocasião a que se dissolvam partidos políticos e os partidários se regam à estatura de heróis nacionais e benfeitores permanentes da raça, e se unam em amizade membros da mesma família que se tinham separado. A “obediência” de Cristo – para usar uma expressão histórica – é coisa mais elevada do que adesão ao sistema romano ou ao sistema protestante. Das pretensões humanas de assegurar uma *igreja perfeita*, pode dizer-se o mesmo que disse Cotton Mather acerca de John Davenport, o zeloso pastor da congregação de New Haven em seus começos: “depois de ter feito tudo quanto era possível para tornar a renovada igreja de New Haven semelhante à Nova Jerusalém, o Senhor fê-lo ver que neste mundo era impossível contemplar-se uma igreja em que nada entre que contamine”.